

SALVE!!



Chegou Ramalho Ortigão, o nosso crítico eminente, o nosso escriptor inimitável, o nosso observador espirituosíssimo, o nosso cavaqueador insubstituível! Chegou a alegria da casa! Todos os nossos desenhos d'uma canna, todas as nossas estrophes de duas rimas, todos os nossos foguetes de trez respostas são insufficientes para exprimir a alegria que nos vae n'alma! Se a sua viagem ao Brazil foi uma grande preocupação para o nosso espirito, o seu regresso a Lisboa é um regosijo enorme para o nosso coração, como o resultado d'essa viagem será de certo um excellent volume para a nossa bibliotheca.

POR AHI...



Um estrangeiro, nosso amigo, que ha meia duzia de dias assentou residencia em Lisboa, está verdadeiramente encantado com o excellente passadio que se disfructa n'esta formosa cidade e assegura-nos satisfeitissimo que nunca mais arreda pé d'este cantinho privilegiado, onde gostosamente teria nascido, se a tempo lhe houvessem dado aviso do bem que

por cá se vive—especialmente no que respeita ao trato affabilissimo a todos dispensado por parte do indigena.

E, effectivamente, desde o principio d'este mez, o indigena está sendo d'uma delicadeza tão distincta, d'uma cortezia tão aprimorada, que toca as raias do compendio de civilidade do sr. João Felix Pereira!

Todas as individualidades de que usualmente costumamos utilizar os serviços, mostram-se, á coisa d'uma semana, de tão requintada gentileza para connosco, que não temos palavras bastante altas para exprimir a nossa profunda admiração, nem coração bastante largo para armazenar o nosso alambazado reconhecimento!



Os distribuidores dos jornaes, que raro o dia deixavam de nos faltar com um ou outro periodico, e que faziam sempre a entrega tarde e a más horas, são agora pontualissimos no matutino cumprimento dos seus deveres; ainda o gallo madrugador se está voltando para o outro lado e já o *Diario de Noticias* tem resvalado pela greta da cancella!

O carteiro da posta diaria, que immensas vezes nos entrega a correspondencia já com bichos, por andar ha quinze dias com ella debaixo do braço, mostra-se agora solícito ao ponto de nos perguntar se queremos que nos traga de vespera a correspondencia que só no dia seguinte hade ser deitada na respectiva caixa!

O porteiro do theatro, que nunca nos deixa nem sequer espreitar para os camarotes sem primeiro lhe apresentarmos o bilhete, até consente agora que assistamos a toda a representação sem termos feito escala pelo camaroteiro!

O mestre barbeiro, que tem por uso e costume levarnos coir e cabelo e deitar-nos rhum e quina só no altinho da cabeça, não nos leva agora senão o coiro, deixando-nos o cabelo, e deita-nos rhum e quina até aos abysmos mysteriosos da cova do ladrão!

O criado do restaurante, que nos dá sempre bifés de bois fallecidos quando o cholera morbus esteve em Lisboa pela primeira vez e que nos fornece invariavelmente uns pratos tão acciados como a vassoira d'um limpa chaminés, apresenta-nos agora bifés de bois tão frescos que ainda no dia seguinte fazem o serviço da camara municipal e leva o seu meticuloso accio ao ponto de desviar obsequiosamente a cabeça, quando tosse ou quando espirra, afim de não nos encher a comida

de assclvajados perdigotos!



Este reviramento nos costumes nacionaes é um phenomeno que se dá todos os annos durante as proximidades do Natal e termina invariavelmente no dia em que o Salvador do Mundo veio ao dito por obra e graça do Espirito Santo, e o serviçal indigena vac ás broas por obra e graça dos nossos cobres.



A OPERA PELO TELEPHONE

A companhia dos telephones acaba de abrir uma assignatura para as pessoas que queiram ouvir por intermedio do telephone todas as operas cantadas em S. Carlos, sem se darem o incommodo de sair de casa.

Os nossos tres amigos Bernardo, Bernardino e Barnabé fizeram a assignatura do telephone e estão satisfeitissimos com o resultado obtido.



EM CASA DE BERNARDO:

— Assim é que é bom ver dançar as bailarinas! Lá no theatro, *vade retro*... Mas cá de longe, pelo telephone, e com os olhos fechados, parecem lindas como os amores!



EM CASA DE BERNARDINO:

— Repara! lá se mecheu a corista gorda.
— Como o percebeste?
— Ora essa! pelo cheiro...



EM CASA DE BARNABÉ:

— E então, hein? Assigno para ouvir as operas pelo telephone, e afinal não oiço senão o Saraga...

— Isso é o mesmo que te acontecia em S. Carlos. E, pelo telephone, sempre tens a vantagem de descansar nos intervallos...



Retrozeiro — Chiado 37 e 39 — Veja-se o annuncio na capa.

SALÃO DA TRINDADE

O CONCERTO PELA REAL ACADEMIA
DE AMADORES DE MUSICA

Programma magnífico, execução primorosa, concorrência selecta, enthusiasmo vibrante, eis a synthese do primeiro concerto que nos offereceu esta epocha a *Real academia de amadores de musica*, pondo em ditoso alvoroço a sociedade elegante de Lisboa, a qual por seu turno poz n'essa noite luminarias nos ouvidos.



SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

Recebemos o novo cartaz que a acreditada fabrica de bolachas de Eduardo Antonio da Costa mandára fazer na lytographia Guedes.

Esse trabalho é pela sua execução um soberbo exemplar da industria portugueza, apresoando os productos de outra industria tambem portugueza e por igual largamente desenvolvida.



TRAÇOS E ILLUMINURIAS, por D. Julia Lopes de Almeida.

Tão raras são em Portugal as senhoras iniciadas no culto da litteratura, que constitue sempre para nós motivo de admirações e de enthusiasmos o apparecimento de algum trabalho d'esse genero devido ao labor do sexo gentil; admirações e enthusiasmos que duas vezes se justificam, quando esse trabalho tenha o valor incontestado que resalta do volume devido á penna da gentil auctora dos *Traços e illuminurias*.



O HOMEM, por Aluizio Azevedo.

É um romance architectado com muito engenho e que constitue um curioso estudo da vida brasileira, pondo em relevo um typo de historica esplendidamente modelado. O estylo é correctissimo e d'um sabor litterario fóra do commum.



SOB' MAGNOLIAS, por Luiz Trigueiros.

Uma duzia de contos muito originaes, muito bem escriptos e como que rescendentes, na sua forma deliciosa, ás emanações extranhas da suave flor que lhes servê de titulo.

Prefacia este bello livro uma curta mas valiosa apreciação do distincto escriptor e illustrado critico o sr. Alfredo Gallis.

Pan-Tarantula

PAN-TARANTULA

Cançonetas e monologos—
Melos de transporte, A Pulga, a Lagartixa, Lili, Do outro lado.

Resto das edições

Veja-se o annuncio na capa.

NOVO PROJECTO PARA O PARQUE DA AVENIDA



A inclusão do plano *Contumiral* entre os projectos expostos pela camara municipal, auctorisca os *Portos nos ii* a apresentarem tambem o seu projecto.
 Eil-o: O palacio da exposição sera de manivella, de fórma a poder expôr-se quotidianamente uma grande variedade de productos, sem outro dispendio além do grude com que serão collados. O *restaurant* servido pelo *Vicente*. As arvores portateis, para se poder variar o panorama. Os bancos inamovíveis, para

regalo das sopeiras e desespero dos gatunos. *Cascatas* as que lá passciarem aos domingos e dias santificados. Ao fundo a estatua da guarda municipal illuminando o mundo!
 Este projecto, pela sua economia e elegancia, está a saltar á vista que é da cabeça do conselheiro *Pim*. Quando a camara municipal quizer projectos elegantes e economicos escusa de abrir concurso: abra antes a cabeça do conselheiro *Pim*.

O CRITICO-LYRICO

O titulo sahio-nos cacaphonico, mas por isso mesmo a talho de foice, visto como o personagem que elle synthetisa é effectivamente uma *cacaphonia* nacional.

O critico-lyrico é exclusivamente critico-lyrico.

Engenheiro, desconhecera talvez a utilidade rudimentar d'um prumo—mas é critico-lyrico.

Diplomata, não saberá porventura como se abotoa um coleirinho alto—mas é critico-lyrico.

Medico, ignorará por certo as virtudes d'uma cataplasma de linhaca—mas é critico-lyrico.

Escriptor, suará em vao no empenho de descobrir com que letras se escreve *ba*—mas é critico-lyrico.

Critico-lyrico, em summa, tomará dois *sembreves* por duas vaqueta de tambor—mas é critico-lyrico.



Grande ouvido não lhe falta—louvado Deus! e orcha correspondente a gravidade do ouvido...

Póde ser que não destinga do chilrear d'um pintasilgo o grunhido d'um cevado, mas lá um meio ponto de differença no seio da partitura, isso é que elle não deixa passar pela malha do seu grande ouvido—ainda mesmo quando a differença do meio ponto não tenha existido senão nos tutanos intellectuaes do critico lyrico.

E aí do talento proclamado, aí do artista laureado, aí do cantor privilegiado que offender, mesmo por sombras, a autocracia auricular do critico-lyrico, porque essa offensa sobe á cabeça do lyrico e desce logo aos pés do critico, expandindo-se em manifestações sollemnes de tacaõ escandalisado.

E é que o critico-lyrico não poupa nem gregos nem troyanos! Tanto se lhe dá que o alvo da sua ira de sola e vira tenha os paes esquimauos na Groenlandia, ou que seja filho da freguezia de Santa Justa da cidade de Lisboa.



Foi assim que os irmãos Andrade, dois bellos artistas profusamente applaudidos no estrangeiro, desafiaram na *Gioconda* um vislumbre de desagrado por parte do critico-lyrico, o que devia fazer pensar ao principe



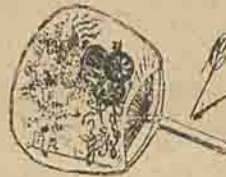
Weimar e aos mais estrangeiros que assistiam ao espectáculo:

—Aprel quando o critico-lyrico alfacinha é assim para a gente de casa, o que fará em se tratando de pessoas extranhas á familia!

Pois fiquem sabendo que o critico-lyrico não quer saber, como lhes dissemos, se o cantor é esquimau e veste pelle de phoca, ou se é lisboeta e veste do Nunes Correia.

E é esta a grande qualidade do critico-lyrico: não quer saber de coisa alguma.

A sua grande qualidade e a sua unica sabedoria—*não saber nada!*



A AMERICANA

—Aposto alma, sangue e vida,
Fortuna, coisas e tal,
E por cima inda um tostão,
Como a *sorte* appetecida,
A taluda do *Natal*
Vem parar ao *CAMPÃO!*

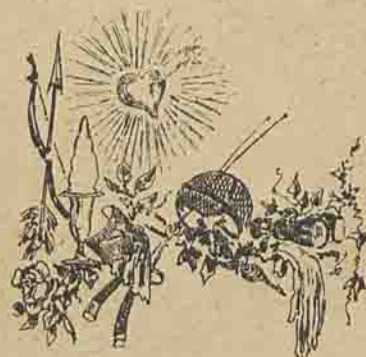
—E eu aposto o viscondado,
Muito mais rico e mais nobre
Que o do visconde d'Asseca,
Como o *bago* precitado
Vem em prata, em oiro e cobre,
Cahir nas mãos do *FONSECA!*...

Qual d'estes terá razão
Hade saber-se depois...

—Eu, pelo sim, pelo não,
Compro cautellas nos dois...



SALÕES, PALCOS E CIRCOS



Realisou-se finalmente no ultimo domingo a toirada de despedida promovida pelo sr Guerra, despedida e toirada que ha mais d'um mez estavam sendo constantemente adiadas—como succedia ao casamento do principe Cornelio Gil.

Já se dizia por allí que ao sr. Guerra custava tanto a despedir-se dos aficionados como ao presidente Grevy custou a despedir-se do Elyseu.

Além d'isso, o caso d'uma toirada promovida pelo proprio empresario d'uma praça de toiros, fazia também lembrar o caso do Luculo jantando em casa de Luculo.

Não faltaram portanto termos de comparação entre o empresario Guerra e alguns vultos eminentes.

Esta ideia d'uma pessoa se despedir dos seus amigos dando uma toirada, vem abrir um novo oriente ás formulas de despedida, annullando com vantagem o corriqueiro habito do communicado nos jornaes, ou do bilhete de visita com a pontinha voltada e as palavras: *a despedir-se.*

Assim como um empresario de toiradas se despede com uma toirada, assim tambem as outras pessoas passarão a despedir-se com a sua especialidade.

Assim, por exemplo, um aeronauta despedir-se-ha de nós subindo no seu acrostato; um dentista arrancando alguns dentes aos seus amigos; e o sr. commandante das guardas municipaes distribuindo algumas pranchadas pelas pessoas das suas relações.

E' muito original na fórma e muito variado na execução.



Toda a Europa tem assistido com interesse á comédia ultimamente representada em França e que bem podia denominar-se *Um sogro em calças pardas*, vista a situação em que o genro Wilson collocou o pobre do sr. Grevy.

Pois se a Europa podesse, estamos certo de que tambem toda ella, depois de ver *Um sogro em calças pardas*, iria ver *Um tio em pelotas* que se está representando no *Chalet do Rato*.

Mas se a Europa não tem ido toda, pela rasão do *Chalet do Rato* lhe ficar um bocadinho fóra de mão, ao menos o jardim da citada Europa á beira-mar plantadô tem-se fartado de rir com aquella engraçada peça.

Quando toda a gente gosta que se pella do tal *Tio em pelotas*, o que fariu se se tratasse da *sobrinha...* nas mesmas condições do tio...



Terminou felizmente em bem o incidente suscitado entre a empresa do *Gymnasio*, que chamava *original á Vida operaria* do sr. Cesar de Lacerda, e este cavalheiro, que não queria que lhe chamassem nomes á peça,

Trocaram-se muitas epistolas de parte a parte e n'isso ficou o conflicto, que, já se dizia, ameaçava acabar em duello sanguinario.

Dizia-nos o nosso amigo Mendonça e Costa:

— Não foi um duello *á pistola*, foi um duello *e...* pistola...

E carregava, com toda a sua força, o accento no *o da pistola...*

Ao Valdez, já, sem demoras,
Eu peço em letra redonda,
Que mande acertar as horas
Que trabalham na *Gioconda*.

Pois se vê, nos rostos fulos
Com que giram e cirandam,
Que são horas que dão pulos
Sem saber ás quantas andam.

CONTOS MUDOS

O BIBLIOTHECARIO



Do *Fliegende Blätter*.

THEATRO DE S. CARLOS

A GIOCONDA



Não sabemos como expressar a forma porque Theodorini cantou a *Gioconda*. *Admiravelmente*, é pouco, *extraordinariamente*, não chega; *magistralmente*, não exprime. Cantou-a, enfim, com uma distinção para a qual não ha adverbios na nossa lingua—a lingua dos adverbios!